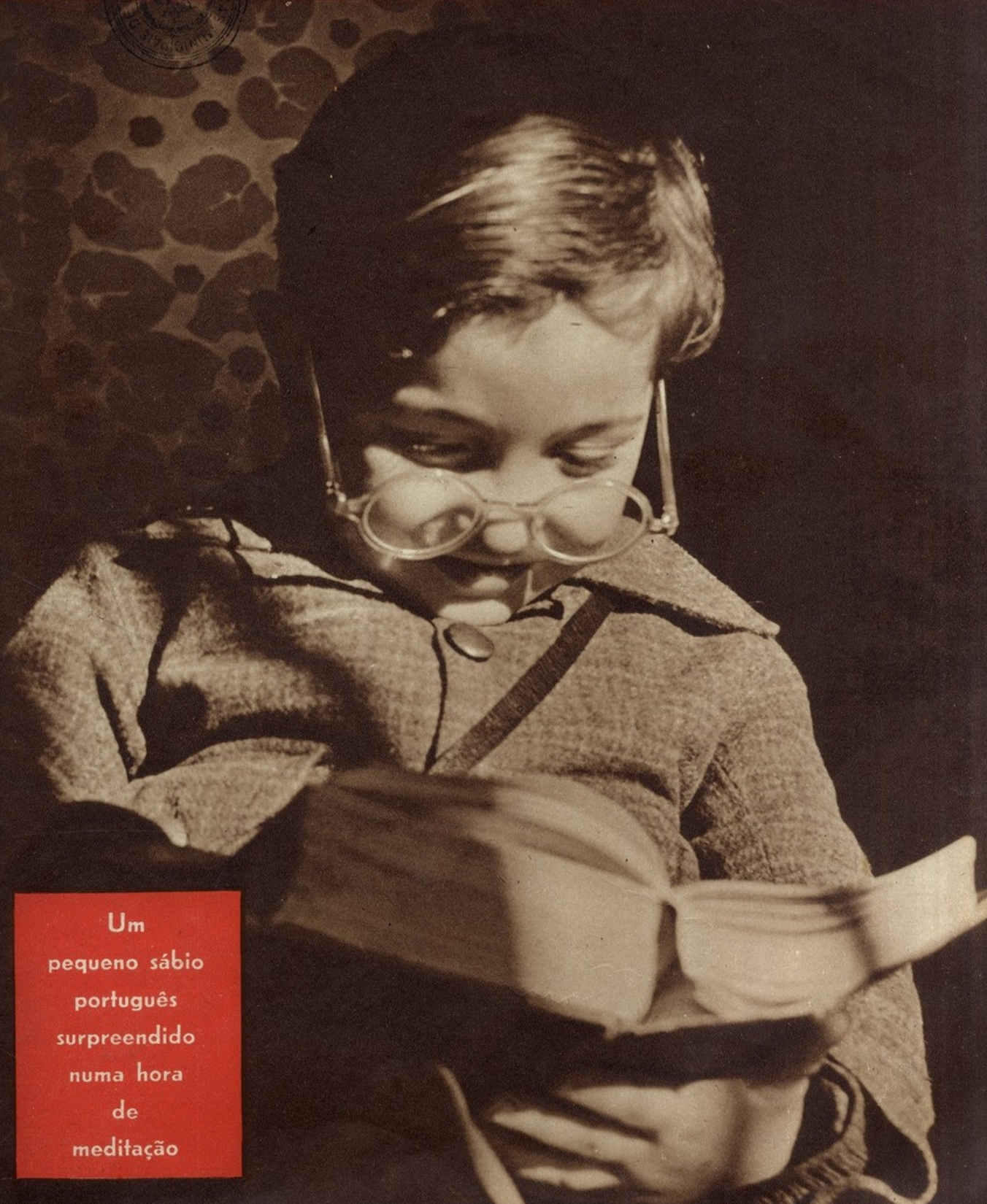


DEPOSITO LEGAL
34
MAR 1942

533

MUNDO GRÁFICO



Um
pequeno sábio
português
surpreendido
numa hora
de
meditação



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

Sumário

HÁ OURO NO SUB-SOLO DE LONDRES, por Keith Rogers

WILLIAM BULLIT, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

REFLEXOS DO MUNDO

A BATALHA DO PACÍFICO

CAMPOS DE BATALHA

PORTUGAL E A GRÉCIA, por S. Saboya

AQUI TAMBÉM É PORTUGAL

PÓRTICOS DE LISBOA

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

A MULHER CONQUISTA O ESPAÇO

UM IMPÉRIO EM ARMAS

«O PÃO E AS ROSAS»

O MARECHAL CHANG-KAI-CHEK NA ÍNDIA

UM PRÍNCIPE INGLÊS EM LISBOA, de Rocha Martins

A CAMPANHA DA RÚSSIA, de Carlos Ferrão

DANSAS MIRANDESAS, de Rodrigo de Mello

AQUI ESTAMOS!

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A CEGA, novela de Guedes de Amorim

AS ILHAS HAWAI, BALUARTE AMERICANO DO PACÍFICO, por S. Schmulevitz

CRÓNICA ALEGRE, de Pedro de Nelas

CINEMA, de António Lourenço



REFLEXOS

(foto de José Estrêla B. Gomes de Oliveira)

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicação por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Encadernações do MUNDO GRÁFICO

Capas 10\$00

Empastes 5\$00

Pedidos à Administração
de MUNDO GRÁFICO, L.ª

RUA DAS GÁVEAS, 6-2.º
TELEF. 25240

HA OURO NO SUB-SOLO DE LONDRES

por Keith Rogers

Em Londres, existe uma riqueza avaliada em mais de £ 400.000.000 de libras—ouro, prata, pedras preciosas, notas de banco, títulos e acções, valiosas obras de arte e valores de todas as espécies—guardados do perigo das bombas e do roubo, em cofres de aço, defendidos por portas à prova de fogo.

Dezenas de milhar destes cofres, cheios de preciosidades vindas de todas as partes do mundo, estão nos subterrâneos de Londres. Alguns deles, fabricados em aço, são apenas pouco maiores do que um vulgar cofre portátil. Outros há que são suficientemente grandes para acomodar duas pessoas.

Passemos um golpe de vista a algumas das mais importantes casas e cofres fortes da grande capital.

Na casa forte dum Banco de Regent Street, cuja porta pesa vinte toneladas, existem milhares de pequenos cofres, à prova de fogo, do perigo das bombas e impenetráveis aos ladrões. As formidáveis fechaduras das portas são controladas pelas horas e não podem ser abertas nem mesmo com a chave mestra senão quando o mecanismo eléctrico é solto, em determinada hora, pelo relógio que se está colocado na porta principal. Tão seguras estão de facto as fortunas que incerram, que uma vez quando o guarda do Banco se esqueceu de adiantar o relógio na altura em que foi introduzida a hora de verão, cerca de trinta clientes tiveram que esperar uma hora—das nove da manhã até as dez—enquanto o relógio continuava o seu tic-tac para chegar à hora designada para soltar a fechadura mestra.

Atraz desta porta enorme, no quarto de aço polido, tem a Rainha Maria um pequeno cofre onde guarda alguns dos seus bens pessoais. Perto, um rico negociante de obras de arte de Amesterdão, depositou muitos dos seus mais belos quadros.

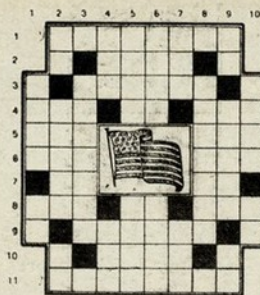
Noutro Banco de Londres, à medida que percorremos o labirinto de corredores, notamos que ha compartimentos completamente guardados de aço. Num deles encontram-se encerradas joias tão preciosas que rivalizam com a caverna mágica de Aladino. E num desses quartos fortes que um negociante de Hatton Garden faz as suas transacções, conferenciando com os seus clientes e mostrando os seus artigos aos compradores de todo o mundo.

Era semelhante a outro qualquer carro de origem americana, mas um dos pneus sobrecolentes estava cheio de moedas de ouro e de joias, ali escondidas por um comerciante que fugira. Tanto o pneumático como o seu conteúdo encontram-se actualmente guardados em Londres.

Igualmente se encontra um maço de notas de Banco dentro duma gaveta de aço. Não pode ser aberta sendo pelo proprietário e pelo guarda do cofre, simultaneamente. As notas são inglesas e tem sido consideravelmente aumentadas em número durante estes dois anos por um negociante dinamarquês que costumava ir a Londres varias vezes por ano para tratar dos seus negócios. Sua filha está num colégio de Inglaterra e todas as vezes que o pai vinha a Londres convertia uma porção de moeda corrente dinamarquesa em notas británicas. «Eu nunca sei quando terei de deixar apressadamente a Dinamarca...» — disse elle dois mezes antes do seu país ser invadido.

Há uma coisa que impressiona fortemente quando os gigantescos compartimentos de aço são examinados. Que acontecerá se porventura alguém ficar ali fechado por descuido?... Essa eventualidade já foi prevista. O ar dentro dos compartimentos é suficiente para durar toda a noite até as portas principais serem abertas de manhã tendo ainda a segurança adicional de telefones para se pedir socorro em caso de emergência. Na cabine do telefone que se encontra por detraz das maciças portas de aço, estão escritas instruções que informam o suposto «prisioneiro» de como ha-de soltar o mecanismo do relógio que conserva as portas fechadas durante a noite. Isto só se pode efectuar do lado de dentro e depois das alavancas necessárias se moverem. O guarda poderá, então, soltar o preso pelo lado de fora. Mas são novamente necessários dois homens para desempenhar esse trabalho. Nem o prisioneiro nem o guarda podem isoladamente abrir a porta.

Bem fundo, no sub-solo de Londres, cinquenta pés abaixo das ruas e dos pavimentos, estão descansando em plena segurança alguns dos tesouros mais belos do mundo.



PROBLEMA N.º 34

HORIZONTAIS

- 1 — Estontear.
- 2 — Verdadeiro.
- 3 — APELIDO DO SUB-SECRETÁRIO DE ESTADO NORTE-AMERICANO PARA OS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS.
- 4 — Três — Caminhava — Sinal gráfico.
- 5 — Casa (inv.) — Tempo do verbo «ir».
- 6 — Oleo (ingl.) Espaço de tempo.
- 7 — Está certo (termo americano) Sua.
- 8 — Muito — Alternativa — Interjeição.
- 9 — Nome do sábio americano, inventor do fonógrafo e da lâmpada eléctrica.
- 10 — Prender.
- 11 — Clarificado.

VERTICAIS

- 1 — Tenebroso — Nota musical.
- 2 — Esquadrão — Surgiu — Utensilio.
- 3 — APELIDO DE UM DOS MAIORES PROPAGANDISTAS DO AUXÍLIO DOS E. U. A. ÀS NAÇÕES QUE SE BATIAM JÁ CONTRA O «EIXO».
- 4 — Reze — Doar.
- 5 — Tornei a ler — Numeral cardinal.
- 6 — Calha para escoamento de águas no convés dos navios — Gaster.
- 7 — Interjeição — Agora.
- 8 — APELIDO DO MINISTRO DA GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS.
- 9 — Parte de navio — Aquilo a que mais aspiramos — Poeira.
- 10 — Pronome pessoal — Campeão.



Solução do Problema N.º 33

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

REFLEXOS DO MUNDO

O "Lafayette"



assim o traço de união entre a França de Foch e a América invencível, não se perdeu, apesar do incêndio que, há dias, se registou a bordo.

Esse «palace» flutuante de príncipes de sangue azul e príncipes do dinheiro, que ganhou, ufano do seu destino, a flâmula azul na travessia do Atlântico, será, quando reparado, um dos mais rápidos porta-aviões do mundo.

Amarado durante longos meses num cais de Nova-York, solitário e quasi esquecido, junto dos aranha-céus mastodônticos, devia olhar, com emoção, a estátua da Liberdade que tanta vez a saudara quando, com orgulho, entrava no grande porto.

O seu destino foi retardado, mas não inutilizado. «Lafayette» em pouco tempo, estejam certos, dará boas notícias suas. Talvez já este verão, constelado com as estrelas gloriosas da bandeira americana, e as suas «asas» que, na outra guerra, tão alto subiram.

Cosinheiro diplomata



O coroamento do Rei Eduardo VII estava fixado para o dia 26 de Junho de 1902. As multidões acorriam a Londres, muitas semanas antes. Os gulosos de grandes cerimónias de todo o mundo tinham ocupado todos os lugares nos hotéis.

Em Westminster, o clero, os pares e todos os participantes na coroação estudaram os pormenores da cerimónia que poucos deles — ou nenhum — tinha presenciado, pois a última fôra a da Rainha Vitória, 60 anos antes.

Na Embaixada de França, en-

tretanto, o cosinheiro dizia a um criado que a coroação não teria lugar na data marcada. O rumor foi até Cambon que chamou o cosinheiro. Foi com dificuldade que aquele falou: sabia pelo seu colega, o cosinheiro de Buckingham Palace, que o rei estava ligeiramente incomodado.

O segredo profissional acrescentou, não podia ser violado pelo que pedia ao embaixador que nada fizesse constar.

De facto, a cerimónia só se realizou mês e meio depois.

O valor dos australianos



Eis um magnífico exemplo de dedicação, energia e heroísmo dado pelo tenente-

-coronel Charles Anderson, das tropas australianas, no Oriente.

Era necessário conquistar uma posição vital. Por entre uma chuva de metralha a força de Anderson lutando contra um inimigo superior, destruiu dez tanks.

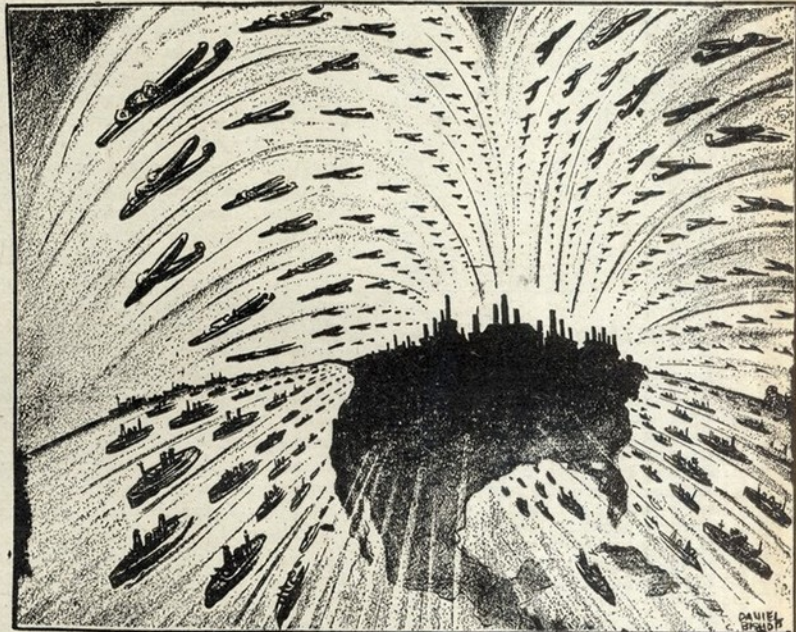
O bravo oficial, à sua parte, destruiu quatro peças do inimigo.

Teve de retirar porque a desproporção a isso obrigava. Recusou-se, porém, a abandonar os feridos. Cercado, mandou largar os equipamentos aos soldados e, combatendo sempre, abriu caminho por entre os japoneses.

Esse combate heroico foi profícuo porque não só retardou a acção do inimigo, como permitiu salvar todos os seus homens.

A Batalha do Buçaco

Os magníficos documentos referentes ao Duque de Wellington e à gloriosa batalha do Buçaco em que triunfaram as armas do Exército luso-britânico que publicámos no número do *Mundo Gráfico* de 31 de Janeiro, foram-nos amavelmente cedidos pelo Arquivo Histórico Militar, cujas notáveis colecções



É assim que a América esmagará todos os seus inimigos!

são um verdadeiro monumento de glória nacional.

Ao seu ilustre director, o sr. coronel Ferreira de Lima os nossos sinceros agradecimentos.

"Victoria Cross"



Até hoje, na presente guerra, só foram concedidas 29 «Victoria Cross» o que mostra como é difícil obter a valiosa medalha.

A 28.ª foi dada ao capitão Philip John Gardner do real regimento de tanks. Eis como ele a ganhou:

Recebera ordem de ir, com dois tanks, socorrer dois carros blindados, que se encontravam sob o fogo inimigo, em Tobruk.

Aproximou-se de um deles e passou-lhe uma corda de reboque, metendo lá dentro o «cama-

rada do tank que fôra ferido, e seguiu, indiferente às granadas. A corda rebentou e Gardner apeou-se. Tornou a prender o reboque, mas, nessa altura, foi atingido numa perna e num braço. Assim mesmo salvou o oficial, metendo-o no seu carro.

Sob o fogo intensíssimo de barragem retirou-se com os dois tanks e com os camaradas, sem se importar com o bombardeamento cada vez mais cerrado que estava provocando.

É assim que se bate o exército imperial.

Tal pai, tal filha



A filha mais nova do Primeiro Ministro, Mary Churchill, pertence a um regimento, onde trabalha com instrumentos de precisão.

Tem 19 anos e, seguindo o exemplo de toda a família, alistou-se também ao serviço da Pátria.

Foi, recentemente, promovida a cabo. Essa distinção é unicamente devida ao seu mérito pessoal. No regimento não gosa de

qualquer favor, apesar de Churchill ser o chefe do Governo.

A subida do grande político deve-se também exclusivamente às suas qualidades, através de uma vida admirável na defesa do Império.

Não se compadecem com favoritismos caracteres como os de Churchill.

Produção de guerra

O célebre major Brittons, entrevistou ao microfone da B. B. C. Averell Harriman, enviado especial do Presidente Roosevelt a Londres. Entre outras declarações acerca da formidável produção da indústria da guerra norte-americana, Harriman disse:

— As fábricas de automóveis dos Estados Unidos produzem diariamente, 14.000 automóveis, ao passo que as da Alemanha fabricam 1.300. Pois bem: a indústria automobilista substituiu a produção desses veículos pela de material de guerra desde o dia 1 de Fevereiro.

É fácil calcular o que esta fórmula representa para a aceleração da indústria de guerra dos Estados Unidos.

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO



WILLIAM BULLITT

WILLIAM Bullitt pertence ao número raro dos que viram claro desde a primeira hora. O seu pensamento não marcou nenhuma dúvida, a sua actividade não denunciou nenhuma hesitação. Observou e tirou conclusões. Teve depois a coragem rara, numa hora em que muitos se abrigavam na trincheira das reservas oficiais, de proclamar a verdade, sem reticências, sem receio.

Diplomata americano de excepcional aptidão, negociador clarividente e sereno é, ao mesmo tempo, uma personalidade que goza de íntima confiança do chefe da nação norte-americana. A sua passagem, em momentos particularmente difíceis, pelas embaixadas do seu país em Moscovo e em Paris deu-lhe o ensejo de estabelecer contacto e de se relacionar intimamente com os problemas europeus. Nesses dois magníficos postos de observação assistiu à evolução da crise no nosso continente e reconheceu, desassombadamente, que a sua pátria não poderia manter-se por muito tempo à margem do conflito das idéias e das pessoas que ocupavam o primeiro plano da cena internacional.

A ocupação da Renânia, a negociação de Munich o episódio da Checoslováquia, a pressão sobre a Polónia foram os elementos decisivos que formaram a sua convicção profunda. O pacto germano-soviético de Agosto de 1939 não constituiu para ele surpresa. Durante as conversações que precederam a assinatura do armistício que liquidou, um ano depois a derrota militar da França, a individualidade vigorosa de Bullitt desempenhou um papel de excepcional relevo. Partidário convicto e lúcido da intervenção do seu país, considerou, desde a primeira hora, essa intervenção inevitável e fez tudo para que ela se não caracterizasse por uma impreparação prejudicial e perigosa.

Nomeado representante e delegado especial do presidente Roosevelt no Próximo Oriente, onde as nações aliadas têm um campo de acção de importância capital, nenhum cargo poderia ser mais grato ao seu espírito.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A evolução da guerra

Em Londres constituiu-se um novo gabinete de guerra. Pode dizer-se que esse novo gabinete de guerra é o antigo reforçado pelo concurso activo de personalidades de primeiro plano na vida pública da Gran-Bretanha. A guerra, com as suas exigências e as suas dificuldades, gasta os homens, e não deixa de cilindrar as reputações. O Império britânico oferece o exemplo, ao mesmo tempo consolador e sintomático de manter, com ligeiras alterações, nos postos de responsabilidade e direcção as figuras ilustres que, uma vez declaradas as hostilidades, assumiram a responsabilidade da sua direcção. A França, devorada pela derrota, envia ao banco dos réus alguns dos seus dirigentes da primeira hora, Daladier e Reynaud, Mandel e Gamelin; o Reich acaba de afastar do comando militar da direcção do Estado nomes de primeiro plano, entre eles o do marechal Brauchitsch, enquanto a morte ceifou outros não menos eminentes e prestigiosos, o general Reichenau, o «és» da aviação Moelden, o engenheiro Fritz Todt. A Gran-Bretanha, com uma unanimidade significativa, continua a depolitar no seu Primeiro Ministro uma confiança que nem os revezes transitórios nem as dificuldades evidentes da luta diminuí ou entibia. Dos colaboradores do sr. Churchill alguns têm sido derivados para novas funções (Lord Halifax, Duff Cooper, Malcolm Mac Donald) outros têm transitado por mais dum cargo no governo (Beaverbrook, Eden, Attlee). Mas a solidariedade da equipa ministerial permanece intacta.

Entretanto a Gran-Bretanha, para realizar esse milagre, não precisou modificar o seu regime social, transformar as suas instituições políticas ou alterar os hábitos da sua vida pública. Em plena congregação o parlamento funciona com uma regularidade que denuncia a boa saúde da nação. Todas as semanas se realizam inúmeras sessões públicas durante as quais os temas da actualidade internacional são tratados por dezenas de oradores; os principais órgãos da imprensa pronunciam-se sobre a actividade dos órgãos do Estado com uma independência e uma visão crítica que todos em Inglaterra consideram a marca inconfundível da acção colectiva do seu povo.

No governo nacional presidido pelo sr. Winston Churchill estão representadas as diversas correntes que animam e dão uma expressão própria à política britânica, os grandes agrupamentos representativos das correntes do eleitorado mais poderosas, conservadores e trabalhistas, e os pequenos grupos que representam uma tradição honrosa (liberais) ou traduzem o pensamento de correntes parlamentares diversas (liberais nacionais, trabalhistas nacionais, independentes). No gabinete de guerra empregam-se os esforços dos elementos mais representativos e dinâmicos que a tragédia da guerra revelou ou pôs em lugar de destaque, sem consideração pela sua etiqueta partidária ou pela sua filiação de origem.

O esforço de guerra explica, só por si, a colaboração do chefe de partido conservador, que é simultaneamente o Primeiro ministro, com o antigo embaixador em Moscovo, Sir Sifford Cripps, cujas tendências são opostas às suas e cujo temperamento é a antítese do seu; e justifica que um aristocrata e universitário como Anthony Eden se junte fraternalmente ao mais graduado representante do movimento sindicalista britânico, o ministro de trabalho Bevin. Em nenhum outro país tocado directamente pelo flagelo da guerra ou atingido pelas suas inevitáveis repercussões se pode apreciar um espectáculo semelhante. Esse espectáculo não se limita a traduzir a unanimidade nacional perante os perigos do exterior. Exprime a consciência clara das responsabilidades que a Gran-Bretanha, quis claramente assumir.

○ OBSERVADOR

A agressão japonesa

A agressão japonesa contra a nossa ilha de Timor não tem quaisquer razões que a justifiquem. É a violência contra uma neutralidade honesta. É o desrespeito dos nossos direitos históricos. É também uma contradição diplomática, porque todo o mundo sabia que as nossas tropas estavam prestes a chegar a Dili.

A palavra do Governo português é uma afirmação de honra que modo algum pode servir de interpretações especiosas, que, de resto, não estão na tradição do nosso povo.

Um dia, na Índia, D. João de Castro empenhou as suas barbas num gesto simbólico. Para tal acto bastou a sua dignidade. Certamente, ainda não se apagaram, nessa Ásia onde os portugueses tantos povos trouxeram à luz da civilização — um deles o japonês — as palavras do grande vice-rei. Pois hoje somos os mesmos. Respeito à promessa feita, sem subterfúgios, nem ambiguidades, que as mais das vezes servem a outrém de máscara às suas verdadeiras intenções.

Referiu-se o sr. dr. Oliveira Salazar à lealdade da Inglaterra, numa causa a que era estranha.

São ainda as fórmulas jurídicas as que melhor servem as relações entre os povos. Afirmou-o com amizade a Inglaterra, fiel aos seus princípios de sempre, pelos quais ela se bate, fazendo sua a causa da Europa e dos outros continentes.

A violência japonesa — «violência inútil para a sequência das operações de guerra», como muito bem disse Salazar — é, pela forma de que se revestiu e pelas declarações com que pretendem justificá-la, um atentado que profundamente indignou a consciência nacional.

Se a nossa neutralidade não tolera injunções, o nosso patriotismo, esse, tão alto e límpido fica vibrando contra tamanha profanação. Mais do que a força, vale o direito dos povos. É ele quem decide o destino do mundo.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A luta na Malaia. Todos os povos da Malaia puseram-se incondicionalmente ao lado da Gran Bretanha e dos Estados Unidos. Esplêndidos

soldados, com equipamentos dos mais modernos eles têm combatido valorosamente com as tropas dos generais Wavell e Mac Arthur



A cooperação anglo-chinesa. O major-general Chen Kai-Min, um dos mais valiosos colaboradores do generalíssimo Chang-Kai-Chek

A BATALHA DO PACÍFICO

A guerra no Pacífico não pode separar-se da guerra no continente asiático. Uma e outra se integram na conflagração mundial iniciada em 7 de Dezembro de 1941, quando os aviões nipónicos atacaram a esquadra norte-americana fundeada em Pearl Harbour. Esta conflagração afecta actualmente os cinco continentes e os cinco oceanos, com a imensidade dos seus espaços e das suas possibilidades.

Passada a hora da guerra relâmpago, de que se registaram exemplos típicos na Polónia, na Noruega, nos Países Baixos, o choque das grandes potências tornou o factor tempo em elemento essencial para a resolução das batalhas em curso, onde quer que elas se desenrolem. Quere dizer, a guerra rápida, ou mesmo fulminante, produziu os efeitos desejados pelos seus organizadores em casos em que a desproporção das forças materiais postas em jôgo fazia pender a balança, automaticamente, a favor dum dos contendores. O Reich pode dominar os pequenos países que resistiram à sua poderosa máquina militar com uma rapidez desconcertante. Mas viu a sua acção ofensiva desgastada, e depois paralizada, quando o ataque das suas forças se dirigiu contra uma grande potência: a batalha aérea de Inglaterra, que devia levar à invasão da ilha britânica, concluiu-se por uma vitória inglesa; a invasão da



No meio da selva, agachado como um tigre, espera o inimigo na ponta da sua baioneta

U. R. S. S. foi detida, sem ter atingido nenhum dos objectivos políticos (Leninegrado — Moscovo) ou económicos (Caucaso) inicialmente assinalados como justificação da campanha do leste europeu.

No Extremo-Oriente passam-se factos idênticos. A penetração japonesa na direcção do sul visa a conquista de posições estratégicas e não a posse de fontes de matérias primas. As destruições efectuadas em larga escala tornam estas inaproveitáveis por um largo prazo, à semelhança do que se deu na Ucrânia e no Donetz. De posse das posições estratégicas que a sua superioridade naval transitória lhe pode assegurar (Malaia, Índias Holandesas, Filipinas) o Japão fica habilitado a suportar uma guerra defensiva de longa duração mas não realizou nenhum dos fins essenciais que o lançaram na luta.

Quais são, em resumo, esses fins? Em primeiro lugar, a conquista e a ocupação de dois espaços geográficos enormes, a Índia e a Austrália; em segundo lugar, a destruição do poder militar dos seus adversários continentais, a China e a U. R. S. S.. Toquio e Chung-King continuam inconciliáveis e o marechal Chang-Kai-Chek tomou a iniciativa da constituição do bloco asiático que deve opôr-se à ocupação nipónica; o Japão e a Rússia estão separados da guerra pela folha estreita dum pacto de não-agressão enquanto os seus interesses essenciais se mantêm opostos.

A luta no Pacífico está na sua primeira fase. A posse

(*Continua na pág. 29*)



Esta mão domina o Pacífico. O almirante Ernest J. King, novo comandante em chefe da Esquadra dos Estados Unidos



A batalha naval de Macassar, em que foram afundados ou atingidos cerca de duas dezenas de navios japoneses é a resposta dos aliados ao insolito ataque a Pearl Harbour. A marinha de guerra holandesa e a aviação americana provaram ali a sua força. Infantaria malaia em campanha



Lord Beaverbrook declarou, há dias, num sensacional discurso, que mais de três mil tanks tinham já saído da Inglaterra, a maior parte dos quais estava sendo utilizada na frente Leste. Eis uma formação de blindados de fabrico inglês numa zona d'esse campo de batalha, perto de uma grande cidade



A guerra no Médio Oriente, com os seus intermináveis desertos, onde por vezes as colunas motorizadas actuam isoladamente, oferecem-nos destas imagens de guerra. Uma formação italiana foi completamente destruída na Cirenaica. Os destroços de material estendem-se a perder de vista assinalando a tentativa frustrada do inimigo, que sofreu uma esmagadora derrota.



O dr. Kimon A. Kollas, ministro da Grécia em Lisboa, no seu gabinete de trabalho

PORTUGAL E A GRÉCIA

CONVERSANDO COM O SR. MINISTRO KIMON COLLAS

— ¿ Uma entrevista?...

— De maneira alguma. Apenas umas breves palavras, capazes de traduzirem a nossa muita admiração por esse belo país que é a Grécia, cuja história se perde nos recuados domínios da lenda.

Assim começou a breve conversa que tivemos com o sr. dr. Kimon A. Collas, ilustre ministro da Grécia, a quem devemos um gentilíssimo acolhimento, que muito profundamente nos sensibilizou.

Um cigarro e algumas rápidas divagações acerca das excelentes relações de amizade que existem entre as nossas duas nações.

Falámos da civilização grega, que tão brilhantemente ilustrou, desde tempos imemorais, a Humanidade, estabelecendo, para o Mundo inteiro, um padrão e constituindo os mais firmes alicerces em que assenta a civilização actual.

Recordámos, num irreprimível entusiasmo, a exuberância literária, artística, política, social e militar que da Grécia se espalhou pelo Universo, de forma tal que

assegurou eternamente um lugar de honra na história dos povos a poetas como Anacreonte, o maravilhoso cantor do Vinho e do Amor, Homero e Hesíodo; historiadores como Heródoto e Tucídides; Sócrates e Platão, os extraordinários filósofos; o maravilhoso orador que se chamou Demóstenes; Eurípedes, Sólon, Licurgo, Leónidas e tantos, tantos outros cujo nome basta, por si só, a evocar, através dos séculos, uma grandeza intelectual e moral ainda não excedida até os nossos dias.

Não seria possível deixar de enveredar pela originalíssima e faustosa beleza da Arte grega, em todas as suas manifestações, chegando a atingir o sublime, muito em especial na arquitectura e na escultura, empregnadas de qualquer sentido divinizado, que lhes permitiu erguer essas obras-primas que são o Partenon, a mais suprema demonstração de génio que é possível conceber-se; os templos de Zeus, magestoso e profundamente emotivo, de Athena Niké, de Teseo...

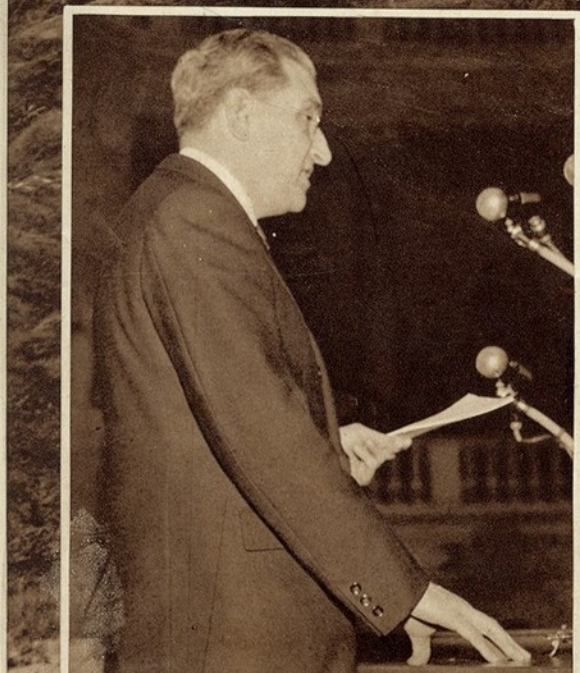
Há tanta coisa a relembrar do que se tem lido acerca das belezas e grandezas da Arte grega que bem difícil nos foi determinar, para, numa mutação indispensável, cuidarmos um pouco da actualidade.

O rei Jorge II, que, desde Novembro de 1935, retomou o cetro e voltou, pela queda das instituições republicanas, a ser o soberano da Grécia, é uma das mais nobres figuras de Chefes de Estado de que a Europa pode orgulhar-se.

Valoroso, enérgico, possuidor duma vastíssima e sólida cultura, que, sem favor, atinge, em muitos casos, profunda erudição, é bem o fiel defensor das glórias e virtudes do seu país, pelo qual tem sabido sacrificar-se sem desfalecimentos nem a mais leve tergiversação, confiante, digna e resolutamente, na ressurreição da Grécia, tão bastas vezes dominada, no decorrer dos tempos, mas sempre ressurgindo mais bela, mais engrandecida, mais firmemente segura da invulnerabilidade

(Conclui na página 30)

AQUI TAMBEM É PORTUGAL!



«O acto das forças imperiais nipónicas constitue flagrante violação dos direitos soberanos de Portugal e o Governo encontra-se bem no seu direito — aqui estritíssimo dever — de apresentar em Tóquio, como já fez, o mais enérgico protesto contra esta violência; violência inútil para a seqüência das operações de guerra e inteiramente dispensável pois a próxima chegada das forças portuguesas a Timor teria como consequência a retirada ou a anulação das forças consideradas inimigas»

Oliveira Salazar

PÓRTICOS DE LISBOA

TODA esta velha Lisboa é um museu de arquitectura. Se não tem muitos conjuntos imponentes, abundam, porém, os recantos do passado, com palácios vestustos, conventos famosos, prédios de ressaltos, com gelozias mouriecas, muralhas de glória, chafarizes onde Santo António concertava as bilhas partidas das moças desavindas, arcos sombrios e pitorescas betêsgas, tórres e pórticos, que nos evocam o grande romance secular da sua existência. Muita coisa desapareceu, mas muita coisa ficou, mesmo truncada, partida, delapidada, aquelas ruínas vivas de que fala Ruskin, e que assim mesmo são mais belas, mais sugestivas, mais grandiosas, porque a nossa imaginação as pode reconstituir em tôda a sua beleza — diferente.

Uma das mais famosas recordações do passado, sobretudo da época de quinhentos, são os pórticos manuelinos. Lisboa era, então, grande, opulenta, na sua realdeza de conquistas e navegações. Vieram outras idades, e o fausto do Venturoso, dos seus homens de armas, dos seus fidalgos, dos seus capitães da Índia que se haviam comprazido em levantar, na multi-secular Lissabona, palácios, de grande fabrica, ao estilo opulento da época, foram caindo em decadência, uns arruinados, vazios e silenciosos, outros transformados, pelos acasos de sucessivas almoedas, e outros tantos proprietários.

No entanto, aqui e ali, encontram-se ainda pórticos admiráveis que recordam as moradias de luxo a que pertenceram. Uns dêsse tempo, finamente lavrados, numa filigramma preciosa de mármore, outros de setecentos ou mais recentes ainda, que, com suas pedras de armas, braços heráldicos, esquartelados com leões rompentes, besantes orgulhosos, elmos de guerra atestam a riqueza e austeridade do nobiliário luziada.

São fragmentos de arquitectura que não devem desaparecer. Quem atravessou este pórtico? E aquela soleira? Que escudo se mostrou meio delido, naquela verga pulida pelo tempo? São destas recordações, afinal, que tornam Lisboa mais bela, na sua história imortal!



O portal bronzado do palácio do Conde da Figueira, admiravelmente conservado, cuja arquitectura é duma rara imponência



Um lindo pórtico na rua dos Remédios de arco trilobado em que o trabalho de pedra parece filigrana



Outro pórtico duma velha casa da Costa do Castelo, de fina arcaria, rematado pelo escudo da cidade, a nau de S. Vicente com os corvos simbólicos



Um grupo histórico. Roosevelt e Churchill, os grandes paladinos da liberdade dos povos, em Washington, com Mrs. Roosevelt, Lord Beaverbrook e o chefe da casa militar do Presidente dos Estados Unidos

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

Assim, bruscamente, a minha sorte mudou. Em lugar de ser um oficial culpado fui promovido. De futuro usaria galões vermelhos. O ajudante general publicou a minha nomeação na «Ordem». Mandaram-me de Bangalore os cavalos e os impedidos. Ao interesse e ao prazer de ouvir todos os dias a conversa dum homem

**TRÊS QUARTOS
DA RAÇA HUMANA
ESTÃO AGORA
AO NOSSO LADO**

distinto, como era o capitão, o qual conhecia a fronteira a palmas e tomara parte em todas as batalhas, juntava-se o prazer de poder visitar todas as secções do Exército com a certeza de ser sempre bem acolhido.

Durante a primeira quinzena em que desempenhei as minhas novas funções trataram-

me como mereciam a minha situação. Durante as refeições ficava silencioso. Raras vezes me arriscava a discutir um problema. Não tardou, porém, que surgisse um incidente que serviu para modificar a minha situação no estado maior de Sir William Lockart.

O capitão Haldane tinha o costume de me levar a passear com ele todos os dias. Não tardámos a ser bons amigos. Contou-me muitas coisas sobre o general, o estado maior, o exército e as operações. O que ele disse demonstrou-me que nem eu nem o grande público fazíamos uma idéia exacta daquilo que realmente se passava. Um dia contou-me que um correspon-

(Continua na página 29)



Churchill é o escudo da Inglaterra. O primeiro ministro, na sua viagem triunfal ao Canadá



Levanta-se todos os dias de madrugada, duas horas antes da primeira aula na Faculdade. O teorema de d'Alembert é um quebra-cabeças dos diabos

A MULHER CONQUISTA O ESPAÇO



A caminho da Politécnica. Ideias frescas do estudo matinal e a bata branca para uma «prática» de Química

Ela tem vinte... Perdão! Ia dizer a idade — uma coisa que as senhoras não gostam, mesmo quando são intelectuais, artistas e até... aviadoras. Desprezo pela vida, a mil metros de altura — não há dúvida alguma.

Mas não por êsses tudo-nadas sem os quais não seriam... mulheres. Evidentemente, por isso, ela não mo disse — nem eu lha perguntei. Não se é, porém, impunemente o mais curioso dos jornalistas e, aproveitando uma distração, folhcei a sua caderneta de voo abandonada na almofada da avioneta. Fui, é claro, malcriadamente indiscreto, mas ela nunca o saberá. Juro! E, aqui para nós que ninguém nos... lê — lagarto, lagarto, lagarto!... — sempre revelo o mistério. Aliás, disse logo tudo.

Tem vinte anos. As reticências substituíam apenas uma palavra.

Ela tem, pois, vinte anos e é estudante de matemática. O pormenor não tem um valor indispensável. Estuda matemática como poderia estudar letras. Os aviadores se não são malucos — como ainda se diz entre nós, que ainda há pouco aprendemos, verdadeiramente, a voar — são poetas. Ninguém duvide, que eu tenho um amigo aviador que quando voa canta ópera. Assobiava — se não canta assobia — não me recordei quando, um trecho dos «Palhaços», durante um voo de treino. Soltava aquelas trágicas gargalhadas da imortal partitura que põem os cabelos em pé ao menos sensível, no momento em que as rodas do avião



Um problema de azimutes que não tem dificuldades para ela. Antes de um voo, resolve-o sempre sôbre a carta topográfica. Saber navegar é a primeira condição para ser aviador

tocavam o solo para aterrizar. E capotou.

Parece, porém, que a mania lhe dá sorte, porque não sofreu uma beliscadura.

Mas estuda, como disse, matemática. É, afinal, a ciência que melhor se aplica a quem quer ser aviador. O cálculo dos rumos, das derivas, da velocidade real em pleno vôo para eliminar o erro da velocidade relativa que o velocímetro indica, são operações que só a matemática resolve. É claro que bastam, a maior parte das vezes, conhecimentos elementares.

Pois ela adora a aviação. Vi-a há dias voar, em Alverca. Convidou-me para acompanhá-la, mas recusei-me alegando uma violenta dor de cabeça para não dar parte de fraco. Ela sorriu. Eu também sorri — um sorriso amarelo, de quem mente. E ela lá foi, só. Depois, arrependi-me. Ao aterrizar, com os olhos brilhantes de felicidade e os cabelos ondulantes batidos pelo vento da hélice ainda em movimento, saltou da avioneta e disse-me:

— Ah! meu caro jornalista. Invejo-o. Invejo-o só porque é homem. Desejaria sê-lo, para ser só aviador. Viver em plena liberdade, no espaço. Olhe esses rapazes da R. A. F. Sabe porque são de todos os mais valentes, os mais audazes? Porque defendem essa liberdade que só pode sentir-se lá em cima, muito alto. E defendendo-a, defendem, até à morte, a própria liberdade!

J.



Dez litros de gasolina no depósito que o racionamento não permite mais. O passeio será pequeno, mas o treino é indispensável para não «perder a mão»



Aterrou. Baila-lhe a alegria nos olhos e nos lábios



Em pleno vôo. Olhos atentos nos mostradores. Rumo impavável; altura sem oscilações

UM IMPÉRIO EM ARMAS



As baionetas do Exército inglês são imperativas. Aos duzentos mil homens capturados em toda a África pelas tropas imperiais, juntaram-se agora mais vinte e cinco mil — e a guerra prossegue... Um soldado alemão que se rende



Terra em brasa. O invasor japonês só encontra, no seu caminho, incêndios, ruínas e destruições. Os mananciais de petróleo são devorados pelas chamas, o mesmo sucedendo a todas as indústrias propícias à guerra. Nesta cortina de fumo, simbolicamente, desaparecem todas as ambições dos que pretendem dominar o mundo



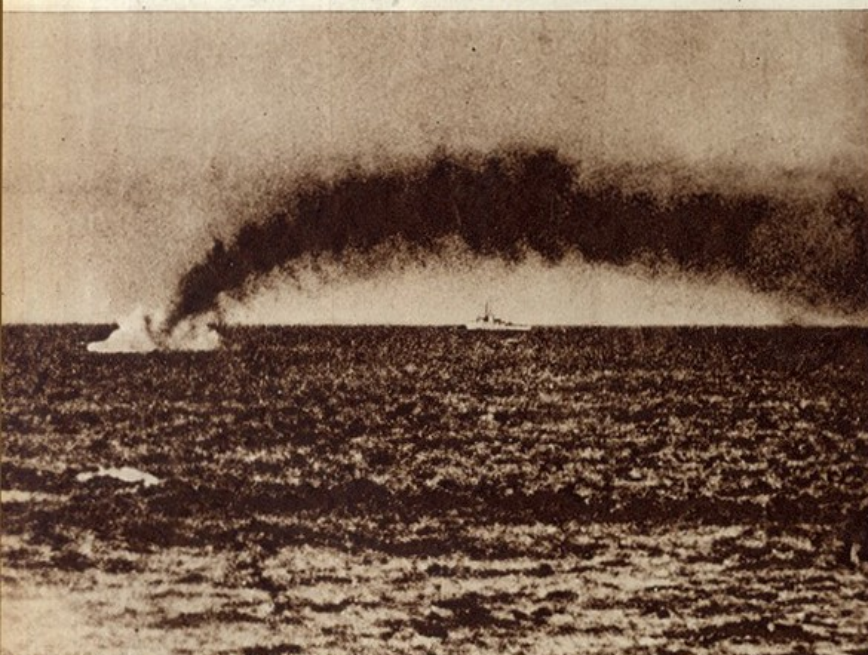
A heróica marinha de guerra holandesa tem sabido defender com orgulho e valentia as cores da sua bandeira. Eis o comandante Schreiber e vários sobreviventes do submarino alemão U. 95 por ela afundado no Mediterrâneo



Na Líbia, são numerosos os cemitérios de aviões alemães. Este é dedicado aos "Stukas" que, com este resultado infrutífero, tentam impedir as vitórias da R. A. F.



O major-general alemão Schmidt comandante de uma praça forte na Cirenaica, num automóvel inglês, depois de se ter rendido às forças do general Auchinleck



Cunningham continua a ditar a lei no Mediterrâneo. Um avião inimigo pretendeu atacar uma unidade de guerra inglesa. As anti-aéreas alvejaram-no em cheio, e o aparelho, incendiado, cai no mar



Silenciosamente, a Inglaterra formou o seu Exército do Ar. São estes os homens de amanhã, aqueles que, em golpes imprevistos, actuando sobre os centros vitais do inimigo, darão o primeiro impulso à vitória



Um avião japonês abatido pelos canhões americanos. A produção aérea dos Estados Unidos, sessenta mil aviões este ano, cento e vinte mil no próximo, dominará todos os mares e todos os continentes



A hora de recreio. Dois círculos de ternura infantil



Uma mamã pequenina com a mascote do Albergue



Todos querem falar ao microfone. Graciosos passarinhos entoam as suas mais lindas canções

“O Pão e as Rosas”

Na rua de Santo Amaro, a S. Bento, há uma instituição de amparo a crianças pobres e desprotegidas, que umas quantas dedicações mantêm com notável esforço e cuja obra, tóda amor e ternura pelos inocentes que a sorte não bafejou, é uma nobre afirmação de solidariedade — o Albergue das Crianças Abandonadas.

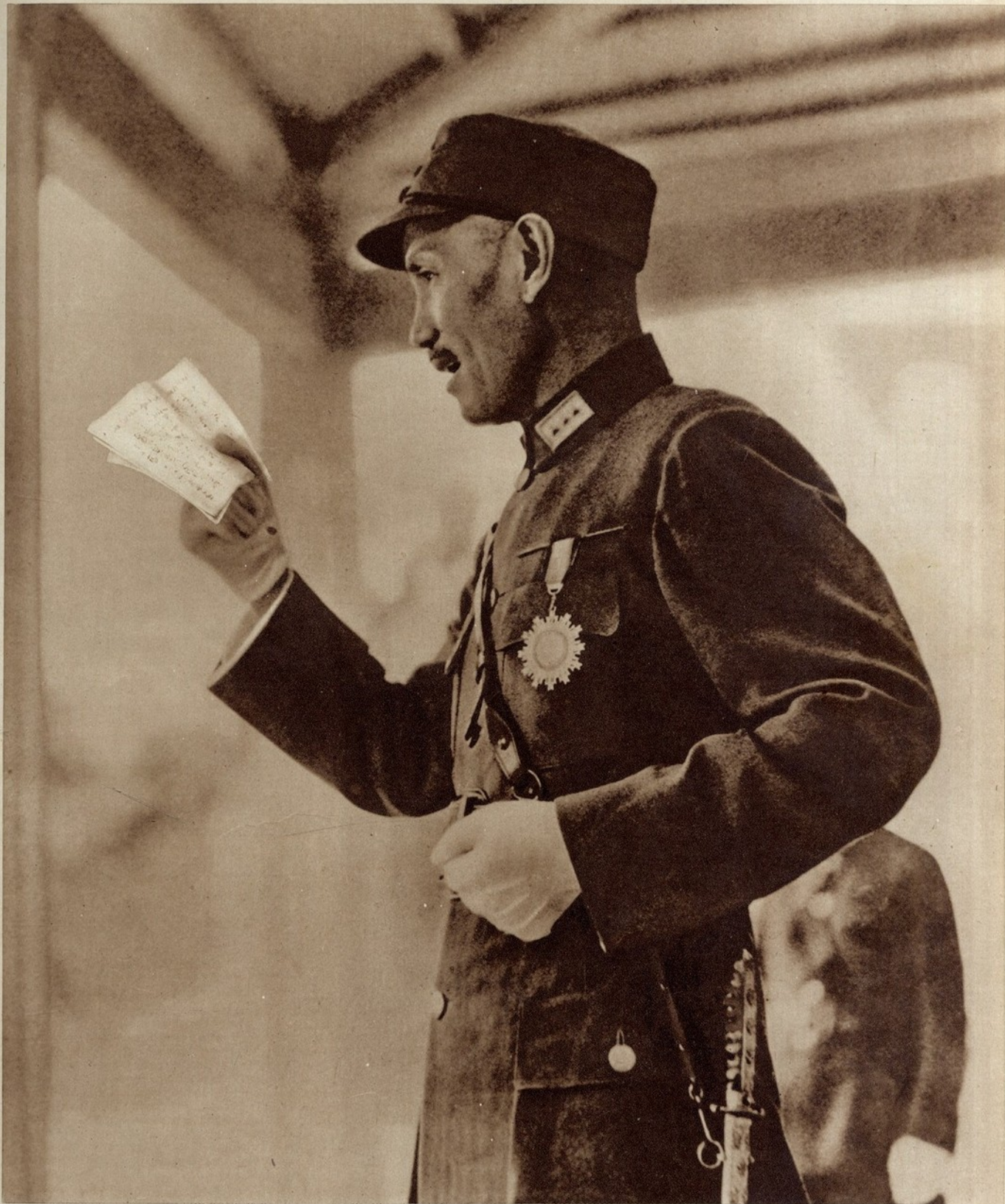
A sua origem justifica uma legenda de bondade heróica, na evocação do altruísmo e do sacrifício do seu fundador — «Joaquim Augusto de Andrade, guarda da Polícia de Lisboa, que, no seu lar humilde, em Fevereiro de 1897, creou este Albergue», como assinala, em letras de ouro, uma lápida de mármore, no átrio do edifício, de ar modesto e recolhido, mas simpático e acolhedor.

São felizes, na sua desventura, as pupilas do Albergue das Crianças Abandonadas. Este, de início, destinava-se a recolher crianças que ficavam ao desamparo e esses pequenos vagabundos, maltrapilhos perdidos, sem rei nem roque, no turbilhão da cidade. A repressão da polícia acabou com esse espectáculo angustioso e, hoje, o Albergue tem a missão de receber órfãs e crianças pobres, filhas de presos e tuberculosos. São ali internadas meninas, dos 2 aos 18 anos. Actualmente, contam-se 137, tódas com menos de 17 anos.

Como não há criadas — a instituição é pobre e vive, unicamente, do subsídio da Assistência e do auxílio dos sócios — são as pequenas que fazem todo o serviço, as limpezas e os arranjos domésticos, à excepção da lavagem de roupa.

E com que ternura elas cuidam do «seu lar»! com que carinho e delicadas preocupações as mais velhas tratam e protegem as mais pequenas, aos delicados botões de rosa colhidos no jardim da desventura!

A sua condição de educandas é para elas, para as que já compreendem o valor das grandes obras de solidariedade, um título de orgulho. E este é o melhor elogio das tradições magníficas do Albergue das Crianças Abandonadas.



O GLORIOSO MARECHAL CHANG-KAI-CHEK VISITA A ÍNDIA

Este homem, que é hoje o símbolo heroico da milenária China, há quatro anos que luta valorosamente contra o imperialismo japonês, numa guerra sem tréguas nem quartel, pela independência do seu país. Chung-King não é apenas uma cidade: é uma legenda de glória e, também, uma ameaça contra os invasores que, em tantas batalhas, têm sido derrotados e rechaçados.

A visita do marechal Chang-Kai-Chek à Índia é um acontecimento transcendente. A China e a Índia, oitocentos milhões de habitantes, um terço da população do globo, deram-se agora as mãos, ao lado da Inglaterra e dos seus aliados, para combater os alemães e os japoneses, como o declarou recentemente, em expressivas palavras, o leader indiano dr. Nehru.

UM PRINCIPE INGLÊS EM LISBOA

de ROCHA MARTINS



Príncipe Augusto, duque de Sussex, filho de Jorge III de Inglaterra, comandante do exército inglês na Guerra Peninsular

(Quadro de Domenico Pellegrini, propriedade dos herdeiros de Fidélis de Freitas Branco)

AUGUSTO Frederico, duque de Sussex, filho de Jorge III de Inglaterra, fôra estudante na universidade de Goettingue, e guardara o espirito livre dum escolar de sangue real que tivera por condiscípulos rapazes de todas as classes. Casara com uma filha de John Murray, conde de Dunmore, que era católico, e semelhante união desagradara na côrte britânica. Constitua um atentado; a questão religiosa ainda sobresaltava os espiritos. Estava-se em 1793 e ainda se evocava Cromwell, o Protector. O matrimónio do príncipe fôi anulado forçando-se sua alteza a abandonar a esposa e os dois filhos. Recebera o titulo e o ducado de Sussex, com todos os apanágios, e pedira-se à côrte de Lisboa um refúgio para o amoroso separado da mulher que lhe arrebatara o coração.

Foi morar para o palácio das Necessidades, em 1803, tendo por vizinhos os frades e para recreio a vasta cêrca onde devia encontrar os oratorianos doutrinadores de Bocage que ali passara algum tempo. O príncipe vivia muito recolhido; recebia alguns oficiais britânicos e portugueses da sua amizade e entretinha-se na caça e na leitura.

A Inglaterra estava em guerra com a França e não lhe corriam favoráveis os ventos. Bonaparte, Primeiro Cônsul, ameaçava destruir as ilhas britânicas e acabar com o domínio inglês no Oriente.

O embaixador inglês em Lisboa, Fitzgerald, tinha por colega o general Lannes, brusco, sacudido, antigo aprendiz de tintureiro, mas que soubera ganhar a batalha de Montebello. Representava a república francesa e o Regente D. João, o futuro D. João VI, acedera a ser padrinho dum seu filho. O singular diplomata passou a tratar o príncipe por «compadre». O comandante da policia, conde de Novion, era um emigrado realista que se ia entendendo com o republicano Lannes.

O duque de Sussex lamentava as atitudes do filho de D. Maria I ante o embaixador de França. Enchia-o de diamantes; espavoria-se ao som da sua voz e do tilintar da sua espada pelos corredores de Queluz e aceitava aqueles tratamentos de «Monsieur du Bresil» e «compadre».

Em Julho de 1803, houvera uma grande desordem entre os soldados do regimento Freire e os da Legião de Alorna contra a policia comandada por Novion. Prêso o coronel Gomes Freire, o govêrno demonstrou querer dar razão ao official francês e ao ajudante Grasson.

Houve uma delicada e clara deligência do príncipe inglês. Queixou-se da policia, que, em seu entender, era quasi tôda composta por jacobinos e tivera a culpa da desordem. Censurou-se a atitude de sua alteza mas o mais curioso é que Pina Manique deu-lhe razão, teve critério idêntico ao do real hóspede de Portugal mas não venceria Lannes.

Aquele govêrno do regente oscilava entre quem triunfava. Tinha mêdo; muito mêdo de desagradar à França e também à Inglaterra no seu dúbio procedimento que prejudicaria a nação.

O filho de Jorge III saiu de Lisboa e tomando o seu lugar na Câmara dos Pares foi o mais eloquente dos opposicionistas.



Um navio de guerra russo patrulhando os mares do Ártico

A Campanha da Rússia

COM o mês de Janeiro iniciou-se uma fase da campanha a Leste, difícil de apreciar, nas suas características e na sua evolução, por falta de indicações precisas dos comandos alemão e russo. Os comunicados oficiais dos beligerantes não fornecem, há algumas semanas, elementos circunstanciados que permitam avaliar a posição concreta das suas forças no terreno, nem fazer uma ideia aproximadamente exacta das suas possibilidades actuais. A resistência alemã tornou-se, em certos pontos, mais firme. Mas isso parece mais uma consequência inevitável das condições em que a luta se desenrola do que produto da vontade dos homens. A iniciativa das operações continua, por enquanto, a pertencer aos russos. Do lado alemão, a oposição à ofensiva soviética deixou-se, a partir do dia 7 de Dezembro, de se desenhar ao longo de uma linha mais ou menos contínua, para se concentrar nos centros urbanos onde a «Wehrmacht» procurou instalar os seus quartéis de Inverno.

Essa operação firma-se em três pilares: Achlusselburgo, ao Norte, Rzev, ao centro, Taganrof, ao sul. Sem a ocupação da primeira destas localidades, o avanço das forças do general Guziev para darem as mãos aos defensores de Leninegrado encontrará algumas dificuldades. Isso não impedirá que a antiga capital dos czares continue a resistir e a constituir uma perigosa ameaça para os projectos do alto comando alemão, uma vez que foram restabelecidas as suas comunicações com Moscovo e ultrapassado o curso de Volchov.

(Continua na página 29)



Oficial russo na frente de batalha

DANSAS MIRANDESAS



Dois expressivos tipos de pauliteiros com o seu característico traço regional. O do primeiro plano daria uma cabeça de raça a um escultor

PARA dissuasão de quantos não desligam a idéia do Feminino ante a vista de saias — não se faz preciso chegar à Escóssia dos lagos, dos castelos, da bravura e da economia. Basta vermos o atavio e as dansas dos homens de Miranda.

As rendas gomadas, os entremeios nos coturnos, as aplicações floridas, os chapeirões — e as castiças rondas pontuadas pelo estalar das batutas entrechocando-se em duelo de castanholas, tudo não chega para, carnavalescamente, furtar masculinidade, forte prestígio viril, ao genuíno folclore.

Os momentos do baile, emocionais e bonitos — não o são à custa de estilizações neutralizadoras, a fragilizarem efebos. Não. Portugueses — e varões — são êses que ballam, ondulado saias, entremostrando rendas polidas, enfeites bordados, chapéus como que de pastores arcádicos a lembrarem sempre, porém, o parentesco de Viriato e do Rei David... Quem sabe se os próprios bastões por que os chamam pauliteiros, não se cortaram em árvores também descen-

dentes das que forneceram àqueles o Cajado e o Cepetro?

A Dansa range — não trina. As botas pisam, batem — não adejam. Os paulitos esgrimem, contendem — não brincam. E tudo é aguerrido, impulsionado por sangue e nervos batalhadores, isento de saracoteios, puro de ademanações e contumélias.

Na modéstia dos artistas «por graça de Deus» — como os de Miranda — uma das graças mais abençoadoras reside em nunca adivinharem a valia dos tesouros que criam com facilidade e, por isso, logo esbanjam para nossa fortuna. Nas saias mirandesas, mesmo na «Capa-de-Honras», (e bem assim nos tamancos revirados de Moimenta, nos capuchos do Caramulo, no colete carmezim da Lezíria, etc.) — não presumem as olímpicas hierarquias que lá moram, encantadas. Aos senhores cidadãos, enfarpelados com roupas tristes, baças como a névoa — quasi pedem perdão por aqueles Arcos-da-Velha! E, como não avezam



A dansa começa. Os paus tocam-se num estalado vibrante, e as saias brancas arrendadas vão rodopiar em figuras de admirável capricho coreográfico



Logo as batutas tocam o chão como se os homens, num ritmo de ceifa, arrancassem à terra as suas mais belas espigas

orquestra sinfônica; nem necessitam outros efeitos de luz além da solar gratuita e pródiga; nem rebuscam albuns de «ballets» com reminiscências de Nijinsky, Isadora Dunou Pawlowa; nem, para resumo, fazem mais do que herdarem uns dos outros o intuitiva e ancestral ciência de pularem e moverem-se consoante a bordoada dos bombos manda ou o debicar dos violões sugere, ou o «derlim-dim-dim» das tunas aconselha — eles, os artistas «por graça de Deus» nem descobrem este

pergaminho: serem, os seus ritmos e convulsões dignificados por haver, em tambores violas, ferrinhos, pandeiras e gaita-de-foles — o eco de corações que timbram ainda sem a surdina imposta pela civilização (?) aos da cidade; o treino, latente naqueles braços músicos, da tarefa santa de malhar nas ciras o pão — tostado de sol como os mocetões, duma alegria de foguetes, duma irreprimibilidade de morteiros!

Rodrigo de Mello



O grande momento de emoção e de frenesim. A roda parece que entontece tão rápidos são os movimentos dos pares



Os homens não cessam de rufar os tambores. E as gaitas de foles vão modelando acordes num «alegro» pastoril

AQUI ESTAMOS!



A vanguarda do Exército americano desembarca na Europa. Simbolicamente, a mão forte do soldado guia a geração de amanhã que verá a vitória do direito dos povos



"Welcome!" Os dois chefes do exército americano na Europa: o general James Chaney (à esquerda) que se encontra na Inglaterra desde 1941 e que vai assumir o comando supremo das forças expedicionárias, deseja as boas vindas do major-general Rewell
P. Hartle



No acampamento, os soldados americanos, no seu "acordeon", tocam as canções trepidantes do Broadway, impacientes de entrar em combate



Ei-los! Em formações cerradas, numa marcha compacta, homens esplêndidos, magnificamente equipados, avançam sobre a Europa para a libertar e para vencer



São os mesmos da outra guerra, a mesma alegria, a mesma força irresistível, a mesma grandeza de ânimo para os combates decisivos. Em poucos meses, eles serão milhões na Europa



Toda a América vem com eles. O que ela representa dos seus princípios dem-se. As "naafi girls"



e na sua esmagadora força material. Em terra, as manifestações sucedem-nos de atenções



A alegria da juventude americana, contagiante e irresistível. O seu sorriso diz tudo, são os mesmos de sempre. Ainda no cais recebem as primeiras oferendas de cigarros

PAGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM



A MODA

VEM AÍ A PRIMAVERA

Primeiros dias de sol, primeiros dias de optimismo à espera que a Primavera chegue. Como são emotivos os flocos de espuma amarela que se chamam docemente mimosas...

Também a moda quer deitar fora o peso das peles e a monotonia das fazendas grossas e, então, ergue-se o domínio do *tailleur*. O casaco irá abaixo da anca e, para desporto, será completamente solto: sem demasiada largura, mas amplo. E' na variedade das blusas e dos coletes que reside a sua fantasia.

Como hoje é a simplicidade que reina, muitos vestidos e casacos são executados de tal forma que podem ser usados de manhã até à noite, tendo a linha simples da manhã certos detalhes que se costumam ver nos modelos da tarde.

A linha mantém-se quasi na mesma. As saias são curtas e levemente em *cloche*, para a rua; as dos vestidos de cerimónia e noite são estreitas, apresentando a roda nas ancas.

Muitas mangas têm um bico que vem ter ao decote.

A capa usa-se cada vez mais, igual à saia da qual não deixa ver mais de uns dez a quinze centímetros.

Uma novidade: os enfeites vão todos para as saias — assim, usar-se-há muito, na próxima estação, o casaco ou o corpo completamente lisos e a saia toda bordada.

Dezoito anos. Uma Primavera que não pensa no Inverno

A MULHER E O ESPELHO

Já sabemos: a sua origem remonta à antiguidade, etc, etc. Não venho do Larousse, quero apenas falar dele duma forma despreziosa e comezinha. (Comezinha — acho que nunca escrevi esta palavra na minha vida. Não gosto).

Ora como ia dizendo, a gente, ao espelho, vê-se apenas numa face. Não está certo, quando afinal as outras pessoas nos vêem por todos os lados.

Portanto, condição *sine qua non* (um naco de latim, assim de vez em quando, *ça pose...*): possuir um tal jogo de espelhos que a gente se possa ver nelles, seguindo a teoria da rosa dos ventos: N. S. E. W.

O espelho deve ser do mais puro. (é claro que não tem no seu toucador um daqueles em que parece a bola do mundo ou uma linha). A iluminação deve ser homogênea: de frente para a janela durante o dia e todo rodeado de lâmpadas, para a noite — porque se fôr mais dum lado do que do outro, corre o perigo de estar anémica desta banda e ir ter uma apoplexia, tudo quanto há de mais fulminante, da outra.

Que vê na sua frente? Uma linda mulher? Bem. Mas olhe, não tome o hábito de julgar que está sempre bem e que é tão bela como a Cleópatra de não saúdosa memória.

Arranje um destes horríveis e indiscretos espelhos de aumentar e estude nele a sua pele, afim de descobrir qualquer pequena imperfeição que tenha.

Maquilha-se com luz muito forte que é para ver se a passagem do *rouge* para o tom natural não está vincada com dureza e se existem pequenos grumos, tanto na parte vermelha como no rimel que colocou nas pestanas (é preciso que estas conservem a sua maleabilidade e não pareçam estacas).

Não se esqueça disto: olhe que pode ser precisamente hoje, agora, daqui a minutos que venha ter consigo a felicidade da sua vida inteira.

CONSELHOS DE BELESA

PELE OLEOSA

Deve limpar-se, noite sim noite não, com alcool canforado.

RUGAS PEQUENAS

Em redor dos olhos. Aplicar o seguinte creme:

Lanolina	10 grs.
Vanzelina	10 grs.
Tintura de Benjoim . g.	7.

MAU HALITO

Observar a digestão. Ir ao dentista. Gargareje depois das refeições com o seguinte:

Sacarina	0,50
Bicarbonato de sódio	0,50
Acido salicílico	1
Alcool a 90°	100
Tintura de tomilho	10 g.
Tintura de sadiana	10 gotas em água morna.

PENSAMENTO DE LA BRUYÈRE

— Mal esta moda destrói aquela, logo outra aparece, que outra ainda substitue e que não fica sendo a última. Assim a nossa frivolidade se manifesta. Durante essas várias mudanças, o século vai correndo e, no fim, todas essas modas passaram à categoria de cousas velhas e mortas. Então, a moda que mais interessa e agrada é a mais antiga: — o sortilégio do tempo torna-a tão pitoresca e amável como o traje romano no teatro, como o manto, o véu e a tiara orientais nas tapeçarias e nos quadros.

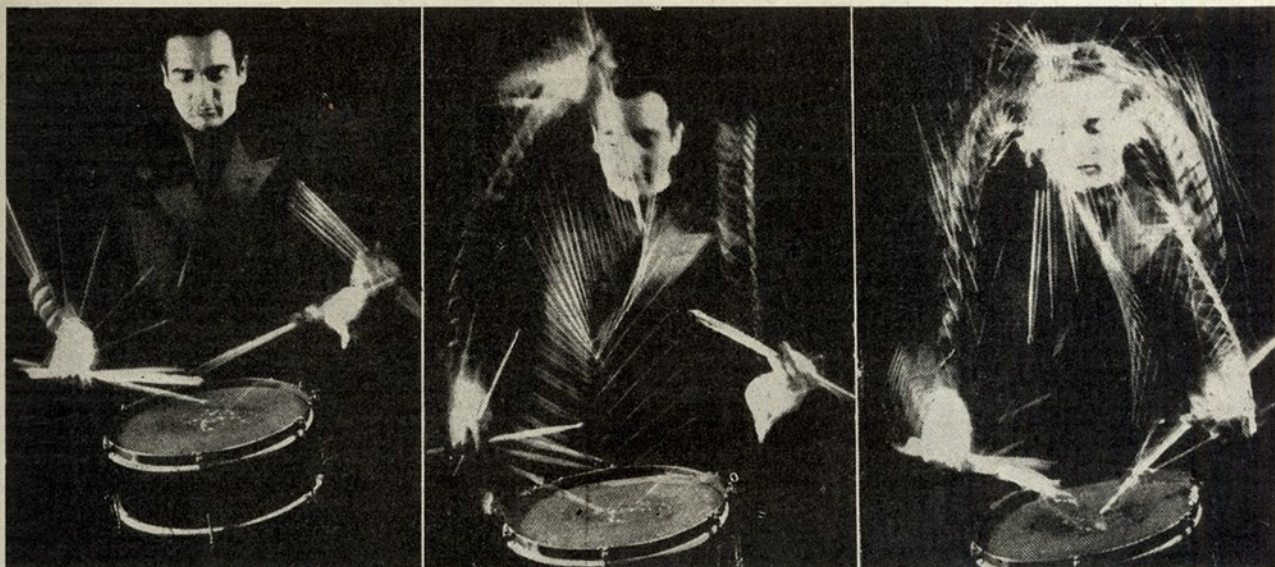
CASA
QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

Out Sizes-Maison Française

R. SERPA PINTO, 18

A "RADIOGRAFIA" DO MOVIMENTO



A câmara fotográfica consegue já captar os mais rápidos movimentos, decompondo-os curiosamente em imagens que lembram, por vezes, espectralizações espíritas. As mãos deste músico ficam desenhadas no espaço com as baquetas, deixando um sulco de luz, que o envolve durante alguns segundos não desaparecendo mesmo quando volta a tocar no tambor

AS ILHAS HAWAI BALUARTE AMERICANO DO PACÍFICO

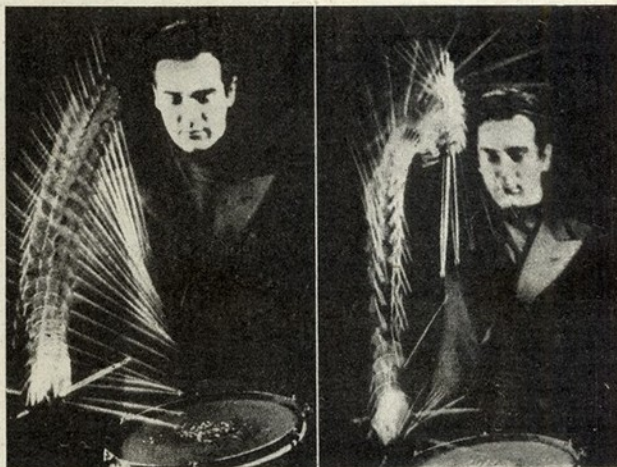
Por S. SCHMULEVITZ

GOZANDO duma situação estratégica privilegiada, no imenso Pacífico, o arquipélago de Hawai constituiu o primeiro e primordial objectivo da agressão nipónica contra território americano. Atendendo à surpresa do ataque, quando em Washington os delegados nipónicos estendiam ainda a mão que os seus compatriotas já haviam manchado de sangue, as forças japonesas atacam de surpresa em Pearl Harbour e nas Filipinas, onde, agora, as tropas do glorioso general MacArthur detêm o invasor japonês causando-lhe os mais duros reveses.

Foi um Harakiri o ataque nipónico, um suicídio perfeito, à japonesa, cujas conseqüências hão-de fazer-se sentir muito em breve.

Na realidade, não foi há muito tempo que os «yankees» reconheceram a utilidade e importância destas ilhas. Apenas há uns 50 anos. Antes disto, o arquipélago teve uma história agitada, que vale a pena recordar em breves traços. Colonizado no século X

por indígenas da Polinésia, que ali se haviam estabelecido, foi descoberto em 1527, por naufragos espanhóis. Em 1778, o navegador inglês Cook visitou as ilhas, denominou-as Sandwich, em honra do seu amigo e protector, Lord Sandwich, sendo um ano mais tarde morto pelos Canacos, na baía de Kealakeakua (raio de nome!), em Hawai. Em 1786, Lapérouse passou por aí, depois Vancouver e outros. Após brigas sangrentas, Kamehamea I, um chefe nativo inteligente, que regeu até 1819, conseguiu reunir tódas as ilhas sob o seu ceptro e com o auxílio dos americanos, organizou a administração, fomentou o comércio e introduziu o Cristianismo. Um descendente deste, tentou, 50 anos depois, restabelecer o regime autocrático, o que teve por conseqüência uma revolução que pretendia a união com os Estados Unidos. Pouco antes da sua demissão, o presidente Harrison aceitou esta união voluntária, regeitada, contudo, pelo seu sucessor Cleveland, em 1893.



A baqueta luminosa descreve este círculo no espaço que tanto parece o esqueleto de um peixe como as cordas de uma harpa

Mas, 4 anos depois, os americanos já haviam mudado de opinião. Reconheceram que o arquipélago servia óptimamente para ponto de defesa avançado do Canal do Panamá, que naquela conjuntura se estava construindo. E Mc Kinley tomou posse das ilhas. Desde então, Hawai conheceu uma época de brilhante progresso, debaixo da sábia administração americana. O turismo de todo o mundo «descobriu» esse arquipélago encantador, coberto de flores, e rescedente de perfumes.

Os «yankees», por sua vez, fortificaram essas ilhas sistematicamente, não olhando

para as despesas. Só na construção do magnífico porto de guerra de Pearl Harbour, gastou-se um milhão de dólares.

Há campos de aviação colocados estrategicamente em tódas as ilhas e fortificações poderosamente artilhadas defendendo o litoral, prontas para tódas as eventualidades.

Perdidas na imensidade do Pacífico, as Hawai não temem o inimigo. A tódas as ameaças elas responderão com o grito dos seus canhões.

E, se os nipónicos tentarem um dia desembarcar nestas ilhas idílicas, não há dúvida que lhes estará reservada uma... condigna recepção.

O escritor Rogério de Medrões, ao ouvir que abriam a porta do seu gabinete de trabalho, levantou os olhos do monte de papelada que tinha na sua frente, supondo, interessado, que se tratava de sua mulher. Enganou-se. Era sua cunhada, a cega, a infeliz Leontina. Perguntou-lhe:

— A tua irmã já voltou?
— Ainda não.

Na fisionomia de Rogério passou demorada nuvem de contrariedade. Começava a atormentá-lo a vida que Maria Josefina levava. Aceitando a convites de amigas, quando não era ela própria a organizar festas e passeios, passava boa parte dos dias fora de casa. Algumas vezes, regressava, até, a horas entoadas da noite, muito fatigada, só para se deitar. Nessa manhã, havia ido ao Estoril, atraída pelas irmãs Silveira, para assistir a uma partida internacional de *tennis*. O dia tinha corrido e estava já a anoitecer. Maria Josefina por lá teria ficado, certamente alegre e divertida, sem se importar com a sua casa nem com o seu marido.

— Posso fazer-te um pouco de companhia? — interrogou Leontina.

Podes, se te agrada.

A cega, que conhecia bem os cantos à casa, avançou alguns passos e foi sentar-se num maple, ao lado da secretária do cunhado.

Trabalhaste hoje muito, Rogério?

Trabalhei. Falta-me apenas meia dúzia de linhas para acabar o meu romance.

— E sempre o terminas por aquele capítulo de resignação por parte do protagonista?

— Exactamente. Segui o teu conselho. E, assim, parece-me que o final ganhará em beleza de sacrifício. Agradeço-te mais uma vez o conselho.

— Oh! Que exagero! Agradecer-me... O teu conhecimento do mundo acabaria por sugerir-te precisamente esse remate para o livro.

— Hum... Não sei. Entretanto, parece-me que não se encontrará ninguém na vida, como o herói do meu romance, que, ao cabo de tão violento infortúnio, ainda se resigne a ficar junto da esposa...

— Sim, é possível. Na vida, talvez seja difícil encontrar homem semelhante... Porém, na literatura.

— Mas, não te parece que a literatura deve ser sempre espelho da vida?

— Frequentemente, mas não sempre. Nos casos de grande infortúnio e desespero, e quando chegados a extremos que podem levar a todas as desgraças, as vidas precisam ser dirigidas e aconselhadas pela literatura, que, neste caso, como em todos, afinal, não é mais do que a noção de equilíbrio e bom-senso do autor.

— Ah! Estou surpreendido. E, desde quando pensas assim, Leontina?

— Ora... Desde o primeiro

A CEGA

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

dia em que me leram um romance, cujo protagonista se suicidava por a mulher lhe ter fugido de casa nos braços de outro homem...

— Não concordaste, então, com esse desfecho?

— Não. Entendo que o desprêso ou, simplesmente, a resignação, como no teu romance, estabelecem melhor harmonia com o direito de viver.

Rogério de Medrões olhou a cunhada. Queria ela aludir

MARIA Josefina não atendia aos reparos nem às censuras do marido. Levava as semanas e os meses no mesmo rodopio de frivolidades, na mesma loucura de passões, chás e espectáculos. Casados havia três anos, logo desde o segundo mês ela se entregara àquela vida leviana e inútil. Ele, um dia, chamara-a delicadamente à ordem. Devia moderar o seu exibicionismo e gostar mais da sua casa. Sempre amarrado aos livros, Rogério precisava de alguém com



a alguma coisa, de escuro, referente a Maria Josefina? Hum... Não podia ser. Intelligente, muito pessoal nas suas opiniões, Leontina, embora vivesse mergulhada em profundas trevas, denunciava quase sempre, ao falar, uma grande luminosidade mental.

A voz da cega, lenta e doce, ouviu-se de novo:

— Gostaria de ouvir o último capítulo do teu romance, Rogério.

— Está bem. Vou fazer-te a vontade. Deixa-me só escrever as breves linhas que faltam.

O romancista abriu o candeeiro de luz velada que tinha sobre a mesa. E, tomando a permanente, fê-la girar sobre o papel, atacando, com inspiração, o final da sua obra. Tinha, ali, curiosa, a sua primeira admiradora. Olhou para a cega, com gratidão e ternura: Leontina, de cabeça alta e voltada na sua direcção, beleza maguada com vinte e cinco anos, esperava, com um sorriso, que êle acabasse de escrever e iniciasse a leitura...

quem conversar e a quem lêsse as suas obras. Josefina, que o escutava, meio sério, meio irónica, aparecera-lhe no dia seguinte com Leontina, a irmã cega, declarando:

— Arranjei-te uma boa ouvinte para os teus romances.

Rogério ficara mais triste do que indignado. Josefina tinha bom coração, mas uma cabecinha meio tonta. Ambiciosa, mesmo muito ambiciosa de luxos e de espaventos, recalcara, durante anos e anos, ao lado da irmã cega, num andar acanhado, vivendo anibus duma misera pensão, os mais febris caprichos e desejos. Ao aparecer-lhe Rogério de Medrões, o romancista da moda, admirado e querido pelas mulheres, mostrava-se-lhe mansa, submissa e sem ambições como, na realidade, nunca havia sido nem pretendia vir a ser... Conquistara assim nova situação e o triunfo dos seus sonhos mais caros à custa dum temperamento artificial.

Rogério sofria agora, em silêncio, o desordenado viver da esposa. Sentia-se só, muito

só; e por vezes reconhecia, até, que fôra ludibriado por Maria Josefina. A ameaça do divórcio assaltava-lhe, então, o espírito. Mas, amava-a sinceramente; e, por isso, vencia, esmagava essa ameaça, esperando em melhores dias.

Em certo momento de intimidade, para ver se a afastava do caminho sem horizonte que ela trilhava, perguntou-lhe se ela gostaria de ter um filho. A resposta veio pronta:

— Daqui a dez anos, quando tiver quarenta, pensarei nisso...

Esta resposta esmagou Rogério. Tinha-se enganado com aquela mulher. Não sabia, não sabia bem dizê-lo a si próprio, mas, ou porque se deixara enfeitiçar pelos seus encantos ou porque se deixasse prender pela sua fingida e encantadora humildade, havia feito — reconhecia-o muito tarde — um mau negócio em casar com Maria Josefina.

O coração doente de Rogério de Medrões começou, pouco a pouco, a ser curado por Leontina. Sua cunhada, serena na sua desventura de mulher de olhos mortos, parecia querer ocupar, a seu lado, apenas, o lugar de enfermeira. Substituiu a seu lado, sem intenções nem atrevimentos, a irmã. Por vezes, desculpava-a:

— Coitada da Josefina. Há-de mudar, verás. Tu, Rogério, entonteste-a de felicidade. Verás, que ela se modificará.

Mas, na volta dos meses, Rogério ia ganhando firme e calma indiferença por Maria Josefina, enquanto que o peito se lhe abria, generoso, em crescente simpatia por Leontina. Se a princípio apenas se condoia dela, da sua infeliz sorte, consagrava-lhe agora admiração veemente. Normalmente, tomavam juntos as refeições, trocavam anseios de almes, falavam do mundo e dos desvarios das gentes.

Rogério deixou, por fim, de ver na cunhada a cega, a dos olhos mortos, para ver apenas a mulher que o amava em silêncio, e que o destino queria, apesar de tudo, deixar morrer sem amor. Um dia, beijou-a. Ela andou dois, três dias triste, diferente. Depois, como que rejuvenesceu. O amor entrou no seu coração e dominou-lhe, num sopro quente de primavera, o corpo todo.

ALGUNS meses mais tarde, aproveitando uma das costumadas ausências de Maria Josefina, Rogério decidiu-se finalmente a abandonar a casa com Leontina. Chamava-o uma nova vida, com a promessa de radiosa felicidade. Deixou à esposa, que não o queria compreender, um bilhete que dizia simplesmente: «*Maria Josefina: A Leontina vai ter um filho meu. Não lhe queiras mal, porque ela, embora cega, soube ver-me... melhor do que tu. O meu advogado virá procurar-te para tratar do nosso divórcio. Adeus, para sempre.*»

Rogério

UMA ESTRANHA CÈRA DE FLORES

dá à tez uma

BELEZA MÁGICA



Se V. Ex.^a já viveu na região do Sul da França onde são fabricados os perfumes, conhece com certeza as maravilhosas propriedades da cêra virgem, posta pela Natureza no centro das flores — cêra que branqueia e embeleza a pele.

Extraída e refinada, esta delicada substância untuosa, chamada Cêra Aseptine, actua, sôbre a tez com uma estranha magia. Aplicada à noite antes de deitar, a Cêra Aseptine amolece a camada externa dura e rugosa da sua pele e descola-a em pequenas partículas que caem pouco a pouco. De manhã tem-se a revelação da nova beleza numa pele branca e fresca que até então não se suspeitava possuir. Os poros dilatados, os pontos negros, as sardas e todas as imperfeições da pele, desapareceram. Recomenda-se empregá-la igualmente ao pescoço, nas espáduas, nos braços e nas mãos, a-fim-de não contrastarem demasiadamente com a brancura e beleza juvenil do seu rosto: Simples, prática e pouco dispendiosa. Lembra-se bem do nome: — "Cêra Aseptine". Encontra-a nas farmácias e perfumarias. Garantem-se bons resultados de contrário devolve-se o dinheiro.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Aseptine - 88 - Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pag. 13)

dente, de guerra escrevera na «Fourtighy Revier» um artigo em que criticava severamente e, segundo ele, injustamente, a expedição do Tirah. O general e o estado maior ficaram mal impressionados. O chefe do estado maior, general Nicholson — que mais tarde comandou o exército britânico e já então era conhecido por velho Nick — redigiu uma resposta esmagadora que tinha seguido no primeiro correio para Inglaterra.

Propiciaram-me assim ocasião para prestar um serviço àquelles que me tinham servido. Permitti-me dizer ao capitão que não deixariam de considerar pouco correcto o facto dum official categorizado do estado maior dum exército em campanha estabelecer polémica com o correspondente dum jornal a propósito da marcha das operações. Em minha opinião, o ministério da Guerra e o Governo ficariam surpreendidos e furiosos. Affirmei-lhe que, segundo o costume corrente, o estado maior confiava a sua defesa às autoridades militares e aos politicos. Quaisquer que fôsem os argumentos empregados esta regra não devia ser posta de parte.

O capitão Haldane mostrou-se aborrecido. Voltámos ambos ao quartel general. Naquella noite houve vários conciliabos entre o comandante em chefe e o seu estado maior. No dia seguinte perguntaram-me como seria possível evitar a publicação do artigo que tinham mandado. Era necessário prevenir o ministério da Guerra para que elle impedisse a publicação? Respondi que o director do jornal era certamente um «gentleman». Se recebesse um telegrama do autor do artigo pedindo-lhe para o não publicar certamente o atenderia, por mais que isso o desagradasse. Enviaram o telegrama e não tardaram a receber uma resposta tranquilizadora. Depois disso começaram a tratar-me com mais consideração.

Assim estava numa situação favorável para quando começasse a campanha da primavera. Esperava poder assistir a acontecimentos importantes. O comandante em chefe parecia satisfeito comigo. Infelizmente a sorte chegara tarde. As operações que, segundo eu esperava, deviam intensificar-se, começaram a diminuir de intensidade. Em breve se transformaram em negociações que terminaram por uma paz durável. Esta paz, embora fôsse muito aceitável, nada tinha a haver com as razões que me levaram a Veshwal.

Assim se malograram as minhas esperanças e eu fui obrigado a começar tudo de novo.

Mal tinham acabado os combates na fronteira da India, começou a correr a noticia de que ia começar uma nova campanha no Sudão.

A CAMPANHA DA RÚSSIA

(Continuação da pag. 21)



Uma metralhadora anti-aérea da defesa de Moscovo

No sector central, a marcha das operações depende da resistência de Rzev, importante entroncamento ferroviário, ao norte da estrada que da fronteira conduz à capital da U. R. S. S.. Em tórno de Viasma e de Smolensko desenvolveram-se ataques violentos. Mas o êxito da manobra que, desafiada a cidade de Moscovo, procura fazer regressar as forças alemãs ao ponto de partida, depende do sistema de comunicações que tem em Rzev um dos seus fulcros essenciais.

Ao Sul, a occupação de Taganrof é importante. Os elementos tornados públicos são insufficientes para dar uma ideia exacta do que se passa naquella frente. Em Rzev os russos, segundo a revelação dos seus comunicados, já entraram por duas vezes, visto que por duas vezes foram ali assinalados combates de ruas sem que conseguissem occupar totalmente a localidade. Ao Sul já penetraram para além de Mariupol.

O mês de Janeiro marcou, por isso, do lado russo, o emprego duma tactica nova, substituindo-se por uma penetração metódica o ataque frontal em determinados pontos. O emprego de guerrilheiros tem-se feito em larga escala bem como o de tropas especializadas, sobretudo cavalaria e esquiadores com artilharia ligeira. Essa tactica tem produzido frutos apreciáveis especialmente no sector central, onde as incursões soviéticas alcançaram as proximidades da fronteira estoniana e penetraram profundamente na Rússia branca.

Dum e doutro lado fazem-se intensos preparativos para a Primavera. A U. R. S. S. pode aperfeiçoar as instalações da sua industria de guerra e mobilizar novos contingentes; o Reich recorreu à mão de obra estrangeira e prepara uma coligação politica capaz de lhe fornecer os contingentes de que carece. E' evidente o propósito dos dirigentes soviéticos de não permitirem que o ritmo da batalha decaia durante o Inverno, a-fim-de obrigarem o adversário a lançar constantemente na fornalha tropas frescas diminuindo as suas possibilidades de atacar em massa e com um potencial de guerra quasi ilimitado, quando tiverem passado os rigores da estação. Pode dizer-se que a guerra relâmpago se tornou a leste uma guerra de desgaste gigantesco. A frente não se estabiliza mas as suas oscillações são ligeiras. Apesar disso a fúria dos combates recrudescer obrigando os combatentes a um sacrificio constante e a um esforço exaustivo. Mais do que nunca é para o que se passa naquella teatro de guerra que devem voltar-se as atenções. O seu interesse e a sua importância aumentam à medida que o tempo decorre.

CARLOS FERRÃO

Seja prático e económico:

Viage na C. P.

Informações — em todas as estações de C. P.

— em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031
— no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722

CRÓNICA ALEGRE

UM HOMEM ESPERTO

Era homem esperto o Joaquim. Pelo menos assim o consideravam as pessoas de família; e até se dizia lá na aldeia que pena havia sido o pai em vez de ensinar a fazer os camalhões das leiras, não o ter consagrado aos estudos. Mesmo assim, ainda andou na escola um bom par de anos. Se não passou do exame elementar, a culpa não foi d'ele, que se sentia dotado de grande vontade de aprender, mas do mestre que não lhe encontrou ponta de inteligência por que pegar-lhe.

Já andava ele no sétimo ano de enxada quando foi às sortes. Ficou apurado. Não se contrariou. Era ensejo para conhecer a capital. Mais ainda: as suas mulheres de que apenas vira uns exemplares por alturas de Verão quando a gente da cidade foge da sombra para ir pôr-se à torreira do Sol do campo.

O movimento da cidade estontou-o como a borboleta de asa dourada que morre estupidamente, cremada por luz de vela. Tanta luz! Tanta mulher! As mais feias para ele eram as pintadas — com razão, porque as mulheres não são tão feias como se pintam. Olhava para todas e acabou por prender-se aos olhos de uma Maria — a Carmo, costureira de teatro. Já os seus amores iam longe quando vieram dizer-lhe que ela costurava o amor com outro. Ficou furo, e, à noite, foi ao Trindade onde ela trabalhava. Ia cair a Carmo e o Trindade! Tudo, no entanto, acabou em bem, e o Joaquim deixou-se ficar pelo teatro a matar o

tempo já que não pudera matar a rapariga.

Entretimentos, passou por ele um actor que na peça fazia o papel de capitão. O Joaquim perfilou-se fazendo a contidência a que o actor com artístico descaramento correspondeu.

A Carmo, vendo o homem ludibriado, advertiu-o.

Deixa estar — disse elle para consigo — que em o tornando a ver leva uma das minhas...

Daí a bocado, porém, já nada era com elle. E succedeu que descia a escada do palco um capitão de facto e direito como um bom ginasta. O Joaquim, espectralhã, olhou para elle e sorriu. Afastou-se um pouco, fingindo que não o via, e observou à Carmo: — O que lhe vale a elle é eu estar bem disposto!

— Mas oh homem — disse ella — olha que aquele é capitão «verdadeiro». O outro é que não era!

O rapaz engoliu. Cairia em segunda! Mas como não há duas sem três, o actor, fardado, tornou a passar por elle e apanhou mais uma continência.

— Oh! homem! — voltou a Carmo — aquele é o actor, não é o capitão.

O Joaquim não quis ouvir mais. Dirigiu-se para a porta de saída; e, mal punha o pé na rua viu um capitão, de cara rapada como o actor. Piscou o olho e, voltando-lhe as costas, disse para consigo dando-se ares: Pois sim, pois sim... Desta vez é que tu não me caças!...

PEDRO DE NELAS

OS LIVROS DA QUINZENA

Desoito dias nas termas

Aurora Jardim, a nossa prezada colaboradora da «Página Feminina», espírito de requintada sensibilidade que na literatura marca um lugar de justo



relêvo, publicou mais um romance. «Desoito dias nas termas» é uma história de amor tratada sob aquele ângulo por que as mulheres interpretam os sentimentos e as paixões e por isso mesmo

As duas batalhas de Mataban

Maurício de Oliveira, jornalista que ao estudo dos complexos assuntos de marinha tem dedicado meticolosa atenção, juntou um novo trabalho à sua já vasta bibliografia naval.

A gloriosa batalha de Mataban, em que a esquadra do heróico almirante inglês Cunningham infligiu à armada italiana a mais tremenda derrota desta guerra, serve a Maurício de Oliveira de pretexto para recordar a outra batalha do mesmo nome — a primeira — travada em 19 de Julho de 1017, entre a armada turca e a vitoriosa frota portuguesa, abandonada esta pelos seus aliados tementes da superioridade numérica do inimigo.

São os dois gloriosos feitos dos portugueses e ingleses que Maurício de Oliveira põe em paralelo num volume editado pela Parceria António Maria Pereira.

A Helmo e a «Joaninha»

Tal é o título de um encantador livrinho de contos infantis, que «Uma Alentejana» escreveu com aquela ternura muito feminina que as crianças pedem àqueles que cuidam das suas melhores horas de receio espiritual.

A literatura infantil é, pela particular psicologia do público a que se destina um dos géneros que envolve maiores dificuldades, mas que «Uma Alentejana» vence nesta pequenina obra da editora Educação Nacional, do Porto.

Knox

A Parceria António Maria Pereira acaba de editar mais um volume da colecção «Os homens da guerra», o XI de uma série notável de biografias. Trata-se agora do secretário de Estado da Marinha do Governo norte-americano,



Frank Knox, cuja personalidade de militar, jornalista e homem de Governo — o estadista que fez da América do Norte a segunda potencia naval do mundo — o nosso prezado camarada na Imprensa Guedes de Amorim traça com o vigor do jornalista combativo e audaz e a humanidade do romancista subtil.

A BATALHA DO PACIFICO (Continuação da pág. 8)

do triângulo estratégico Hong-Kong — Manila — Singapura dá aos japoneses um trampolim para novos cometimentos. Esses cometimentos vão transferir fatalmente o teatro de operações militares para zonas mais difíceis.

Nenhum chefe responsável no Japão deixou que os seus compatriotas alimentassem a esse respeito qualquer dúvida. A luta, proclamam eles unanimemente, será longa e será dura. As vitórias militares conseguidas não devem fazer esquecer o preço por que elas foram pagas: mais de cento e cinquenta mil mortos nos dois primeiros meses de operações e alguns dos melhores navios da esquadra japonesa afundados ou gravemente avariados.

O Japão luta, há mais de quatro anos, contra a China mal apetrechada sem que lhe tenha sido possível conseguir qualquer êxito decisivo. O ataque à Birmania, apesar dos apoios conseguidos na Indo-China e no Sião, encontrou uma resistência que cada vez se torna mais activa. A Austrália e a Índia prepararam-se para uma defensiva tenaz, no caso da guerra bater à sua porta. A U. R. S. S. mantém intacto o exército do Extremo Oriente.

PORTUGAL E A GRÉCIA

(Continuação da página 10)


da sua suprema obra civilizadora, que coisa alguma conseguirá ofuscar, por maiores vicissitudes que a aflijam.

Desde fins de 1940 que é seu representante em Lisboa o fino e encantador diplomata sr. dr. Kimon Collas, que nos expressou, de maneira calorosa, em que bem patenteou uma indiscutível sinceridade, e prazer imenso que tem em se encontrar em Portugal, de cujas paisagens e belezas regionais é admirador entusiasta.

Afirmou-nos ainda o illustre ministro que, pogendo, pelas exigências do seu cargo, ter algum dia de retirar-se para outro paiz, terá, para a sua alma de artista e para o seu sentir de occidental, a mais bela e sedutora recordação desta Nação de que é já um grande amigo e se chama Portugal.

S. Saboya

ESTAS DUAS PASTILHAS



acabam a INDIGESTÃO

SOFRE de indigestões? E' em 80 segundos atormentado pela flatulência, acidez ou uma dor aguda no estômago? Está aqui o remédio que procura. Duas Pastilhas Rennie, dissolvidas lentamente na boca, dar-lhe-ão rápidos alívios. Não se fazem esperar os resultados deste tratamento. Verifique como a dor desaparece à medida que chupa as pastilhas. Passados 80 segundos o excesso de ácido é completamente neutralizado e volta o bem estar.

O excesso de ácido é, geralmente, a causa das indigestões. A melhor forma de neutralizar a acidez é tomar duas Pastilhas Rennie. Estas pastilhas actuam de três formas. Contêm anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Todas as farmácias as vendem.

PASTILHAS

RENNIE

NÃO PRECISAM ÁGUA

CINEMA

UMA GRANDE JORNADA DE PATRIOTISMO

EM Hollywood, a acção filantrópica dos artistas da tela não conhece desfalecimentos. Onde quer que um deles se encontre, há sempre um óbulo a recolher... As suas festas de beneficência, promovidas em prol do fundo de guerra anglo-americano ou de auxílio à Cruz Vermelha Britânica, sucedem-se, por toda a parte, com um entusiasmo digno de admiração. Os mais incansáveis propulsores desta grande jornada de filantropia e de patriotismo são Clark Gable, Cary Grant, Ronald Colman, Gary Cooper, Franchot Tone, Myrna Loy, Joan Crawford, Loretta Young e Constance Bennett que, sem mostras de fadiga, percorrem a Califórnia, de lés a lés, recolhendo donativos que visam, sobretudo, lembrar às primeiras linhas de fogo que as esperanças da «retaguarda» se convertem em estímulos nobres e fecundos, que não é em vão que se derrama tanto sangue. Cada um deles podia, cultivando o comodismo, entregar-se aos prazeres dum materialismo farto, sem se lembrar de que, para a satisfação do seu egoísmo, outros, desdenhando as virtudes das algebeiras recheadas, combatiam, a-fim-de que os exercícios espirituais constituíssem, duma vez para sempre, as pedras basilares duma garantia insubstituível da felicidade em todos os cantos da terra... Era-lhes fácil esquecer, na paz do Senhor, em leitões de nabado ou em festins regados a champanhe, o sacrifício dos que não voltam... Mas não. O milagre da comunidade anglo-americana, patente em todas as zonas luta, galvanizou os indiferentes, destruiu actividades inúteis aproximou vontades, convenceu os receosos e impôs-lhes uma missão grata de cumprir: atear pela bondade, nos que ainda não compreendam um gesto de sacrifício ou vivam entregues a satisfações egoístas, o culto revigorante dum auxílio traduzindo carinho, admiração e confiança da «retaguarda» votada, desde o primeiro instante, áqueles que agora escrevem com sangue os novos princípios espirituais que hão-de reger a apetecida liberdade de amanhã...

A recolha dos donativos excedeu os cálculos mais optimistas... O entusiasmo, que, por esse facto, se apoderou de todos os artistas levou-os a transferir a sua ideia filantrópica para outro campo mais fecundo em resultados materiais: a produção de filmes cujos lucros reverterão a favor da Cruz Vermelha Britânica e do fundo de guerra anglo-americano.

Que admirável parada de valores—dos maiores de Hollywood—numa grande jornada de patriotismo!

António Lourenço



A galante Ann Sheridán, que esta temporada aparecerá em vários films, entre os quais «Lua de mel para três»

ACTIVIDADE

★ Spencer Tracy e Hedy Lamarr são os protagonistas de «Tordilla Flat».

★ Ernst Lubitsch encetou, nos estúdios da Fox, a realização de «Roxie Hart», com Ginger Rogers no principal papel.

★ Richard Greene, um dos melhores galãs do cinema inglês, vai interpretar «Unpublished Story», cuja acção decorre à margem da Batalha da Inglaterra.

★ Intitula-se «Gentleman from the west Indies», o novo filme de Robert Taylor, em que tem por parceiros Hedy Lamarr e Ruth Hussey.

★ Ruth Hussey e Hedy Lamarr oferecem juntos, mais uma vez, em «H. M. Pulham Erg.», que há pouco ficou concluído nos estúdios da M. G. M.

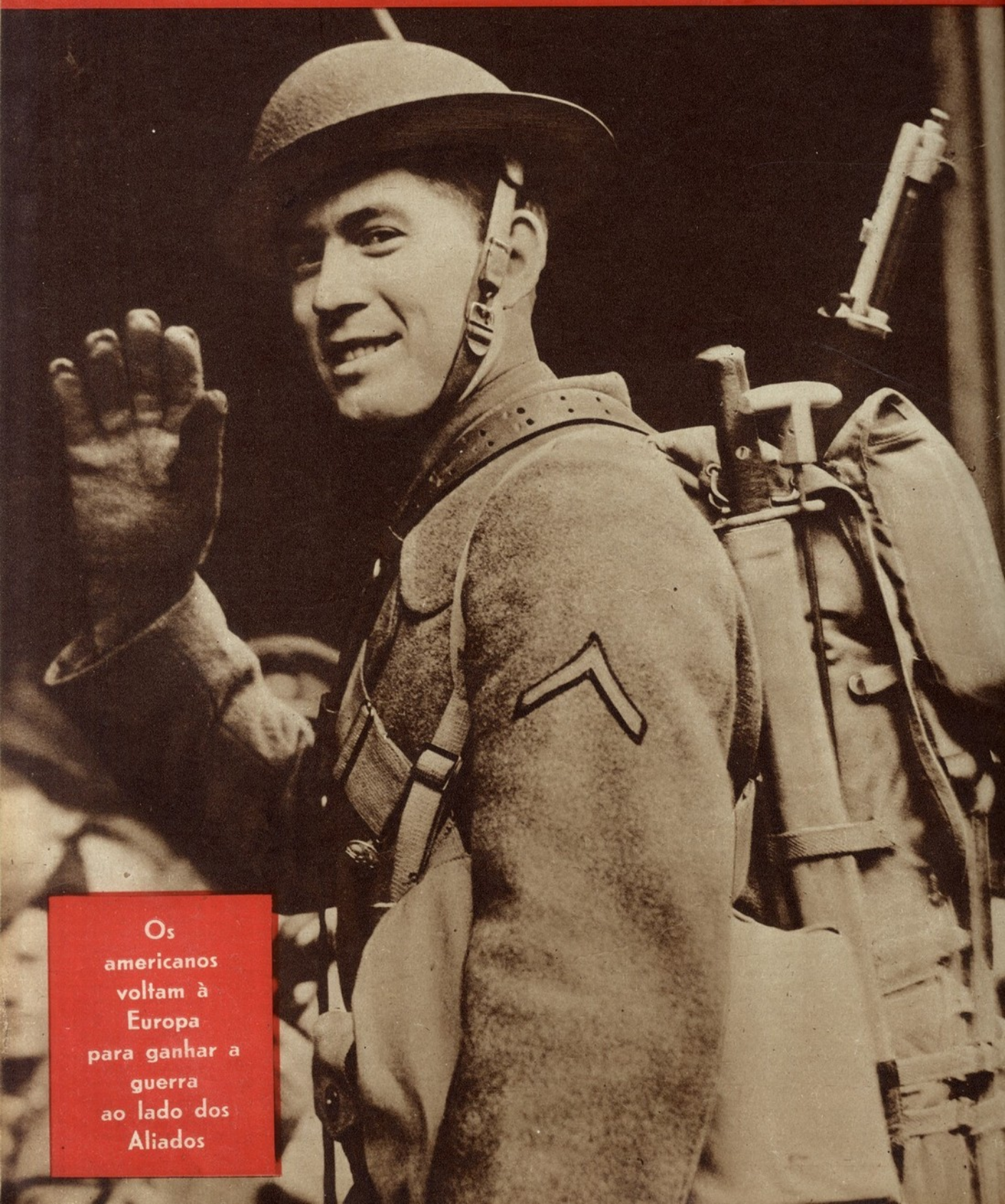
★ Gregory Ratoff vai dirigir «A Vida de Rudolfo Valentino».

★ Walt Disney tenciona adaptar à tela a célebre obra de Sir James Barrie «Peter Pane».



Uma cena do novo film inglês «Ey theng yow» (I thank you), com Arthur Askey

MUNDO GRÁFICO



Os
americanos
voltam à
Europa
para ganhar a
guerra
ao lado dos
Aliados